



Pena Branca e Sete Flechas: caboclaría em defesa da vida

Carolina Noury[1]

RESUMO: Neste ensaio apresento o pensamento afroindígena construído pela aproximação entre os povos africanos e indígenas no continente americano a partir das escutas-escritas do caboclo Pena Branca e do caboclo Sete Flechas. Em uma transfluência de cosmologias africanas e indígenas, este texto busca inserir narrativas ancestrais no campo da pesquisa acadêmica para guardar mundos e modos de pensar e existir que foram e continuam sendo violentamente atacados. A urgência da vida diante os desastres do Antropoceno nos coloca em luta por outros mundos abrindo caminhos para uma política terrestre. Através das escutas transformadas em escritas dessas entidades busco recuperar cosmovisões e narrativas de povos silenciados para enfrentar o desencanto do mundo moderno colonial aniquilador de corpos, saberes e linguagens. Fazer alianças com seres da terra é urgente para combater o terror colonial e sua política de aniquilação para sustentarmos a queda do céu.

PALAVRAS-CHAVE: Escutas-escritas. Caboclo. Antropoceno. Ancestralidade. Território.

Pena Branca y Sete Flechas: caboclaría en defensa de la vida

RESUMEN: En este ensayo presento el pensamiento afroindígena construido a partir del acercamiento entre pueblos africanos e indígenas del continente americano a partir de los escritos de escucha del caboclo Pena Branca y del caboclo Sete Flechas. En una transfluencia de cosmologías africanas e indígenas, este texto busca insertar narrativas ancestrales en el campo de la investigación académica para proteger mundos y formas de pensar y existir que han sido y siguen siendo atacados violentamente. La urgencia de la vida ante los desastres del Antropoceno nos pone en lucha por otros mundos, abriendo caminos para una política terrenal. A través de la escucha de los escritos de estas entidades, busco recuperar cosmovisiones y narrativas de pueblos



silenciados para enfrentar el desencanto del mundo colonial moderno que aniquila cuerpos, conocimientos y lenguas. Es urgente hacer alianzas con los seres de la tierra para combatir el terror colonial y su política de aniquilamiento para sostener la caída del cielo.

PALABRAS CLAVE: Escuchar-escribir. Caboclo. Antropoceno. Ascendencia. Territorio.

Escutas-escritas 1: caboclo Pena Branca

Você sabe, curumim, que nós vem acá primeiro para resgatar a ancestralidade de vocês. Que os caboclos, os preto velho, que as entidades que vem acá no terreiro que são de manifestação dessa ancestralidade. Então quando eu conto a história, eu conto a história da minha ancestralidade. Não importa se sou eu Pena Branca acá ou se é outro Pena Branca em outra oca, o importante é que a história que nós carrega na nossa trajetória.

A minha ancestralidade vem das aldeias, sou cacique de aldeia de onde as comunidades se faziam presentes acá. De onde o sangue que formaram essa terra se encontraram. De quando os homens branco vieram acá que dizimou nós, nós voltou acá pra mostrar que nossa vida não depende dessa materialidade acá. Nossa história, nossa ancestralidade é o que nos faz vivo, é o que nos faz forte. Eu e os espíritos que estão acá, não precisa ter tido uma vida de luta de fato acá nessa terra, isso não é mais importante. O importante é lembrar os curumins que ainda estão acá na terra, de onde veio as origens dele. E de mostrar que as coisas acontecem no terreiro, lá fora, reconhece as origens de cada ancestralidade que formou isso acá. Eu sou parte dessa origem, eu sou um pedaço dessa ancestralidade que forma isso acá. Já até que os curumins acá na terra que as hierarquias que vocês fazem acá, das diferenças que vocês constroem acá, de tentar apagar a história original, que os curumins acá na terra gostam de falar que é todo mundo igual, mas olha o que fazem com nós, com nossos ancestrais vivos. E olha como é que nós mesmos dentro da religião foi tratado durante muito tempo. Porque os ancestrais que se manifestam acá, os curumins que fazem a religião, muito foi cortado, como se fosse atrasado, mas não é porque a espiritualidade estava falando isso, é porque a cabeça dos curumins, já formada de um jeito para apagar a ancestralidade, né curumim. Então eu to acá, curumim, de cacique de um terreiro pra mostrar que



nossa história é viva. É pros curumins acá na terra entenda que não é possível de fazer caminhador passando por cima de quem fez a história de construção dessa terra acá. Nós vem acá para mostrar que tem um passado para acertar.

E que nós vem muito acá, de reverenciar nós e lá fora as coisas não se acontecem do jeitado que acontece aqui dentro. Então quando nós fala que essa casa é uma aldeia que tem que seguir lá fora é porque o que importa pra nós não é o que acontece acá dentro, é o que vocês levam lá pra fora. É o quanto vocês resgatam essa história de construção disso. Então nós não quer respeito só com os espíritos que estão acá, nós quer respeito com a ancestralidade que construiu e que de que vocês acá na terra, curumim, entenda que quando nós fala de legado, é do que se bota pra frente, não é só olhar para o passado, é o que você faz da cá pra frente. E nós vem acá desse jeitado pra mostrar pra vocês de que as coisas só se anda pra frente se perceber do passado, mas não importa se apegar só ao passado, tem que entender que o legado é o que bota pra frente. É por isso que nós vem acá desse jeitado, pra mostrar pra vocês que essa história é viva e que vocês acá pra frente precisa levar esse resgate para construir um caminhador diferente do que vocês fizeram. Por isso que nós fala que não adianta vir acá respeitar as entidades, bater cabeça e ser do lado de fora não estar se importando com quem foi passado.

É por isso que hoje eu sou caboclo, amanhã eu posso não ser mais. O que importa é o jeitado que eu venho hoje. O objetivo de nós acá é fazer que nós não precise mais vir desse jeitado.

Eu sou cacique de aldeia, curumim, eu sou um pedaço de cada um de vocês acá. Isso que sou eu.

Escutas-escritas 2: caboclo Sete Flechas

Eu sou Sete Flechas porque eu não uso uma flecha só, eu não uso uma coisa só para apontar. Eu tenho sete flechas porque são vários caminhos que a gente pode seguir. Na minha vida de terra aqui, passei por muitas coisas que eu precisei, eu não podia contar muito com as pessoas, era um período aqui de muito conflito e uma coisa que eu aprendi aqui em vida foi que a gente não pode contar só com uma coisa porque às vezes você tá contando com uma coisa e aquilo ali não acontece. Então a gente precisa ter outros caminhos na nossa vida, a gente não pode focar numa coisa só, a gente precisa estar aberto para que nunca nos falte nada.



Por mais que eu trabalhe na linha de pai Oxalá, eu vim da mata. Eu não fui chefe. A gente vivia num momento que não tinha muito como ter esse poder assim porque era muita confusão que acontecia então a gente precisava contar muito uns com os outros, mas com poucos, sabe. Porque às vezes até pessoas próximas da gente, a gente acaba crescendo o olho e quer tentar conquistar a terra, conquistar as coisas, você tem que saber exatamente em quem você confia. Na mata a gente também tem muita energia de pai Oxossi, é muita energia da caça e a gente precisava fazer isso, e às vezes a caça não é a caça pelo alimento, é a caça só para você conseguir seguir sua vida em paz e o momento em que eu vivi aqui foi de muito aprendizado, mas não foi fácil. Foi uma coisa muito difícil. Eu precisava cuidar de algumas pessoas, mesmo que eu não fosse chefe dessas pessoas e a cada dia mudava quem ficava de frente porque às vezes a gente perdia alguns, sabe, e a gente precisava seguir unidos, mas sempre prestando atenção. E a mata..., você quer saber de onde eu vim, moça? O nome é diferente do que vocês chamam hoje, mas sabe aquela floresta que é maior? Um pouco mais abaixo dela, era numa divisa que tinha dois povos, eram dois povos maiores que o meu, mas um deles já não tem mais hoje porque era pequeno. Tinha um que vocês chamam hoje, vocês chamam de yanomami, porque não era esse nome, mas é o que se denominou e os outros povos eram pequenos, a gente não tinha nome porque não tinha chefe, sabe fia? Muitas coisas aconteciam mais para dentro da mata e ia surgindo famílias e é por isso que a gente não tinha chefe porque a gente estava bem mais no meio da mata e a gente tentava conseguir alguma ajuda e nem sempre a gente era bem aceito. E foi esse momento de conflito por isso, porque a gente tentava conquistar, firmar nosso chão e a gente não conseguia. Foi um momento que estava muita coisa acontecendo e a gente tentando formar nosso chão. E esses pequenos povos não tem hoje, não existe mais hoje, mas esse foi o que se formou e continua tendo [Yanomami]. Conheci alguns, mas não era desse que fazia parte porque a gente não tinha o nome, sabe?

Uma coisa que é fundamental para nossa vida é água. Então a gente precisava ter um chão que tivesse rio, nem precisava ser cachoeira, mas que tivesse rio, a gente precisava de água para nosso sustento. Isso também foi motivo, a gente precisava usar e às vezes outras pessoas queriam usar e a gente não podia usar. Mas foi isso que foi ensinando pra que a gente não dependa necessariamente desse chão porque o chão é muito maior do que só esse que a gente tá, a gente tem um monte de outro chão. Mas quando a gente não tem muita gente, a gente não consegue



firmar. Quando tem um povo maior, eles tomam conta da gente. Então na minha vida aqui, a gente tentava proteger quem não conseguia se proteger e acabou não seguindo, não tem esse povo hoje.

E não é por isso que eu não ache que não tenha valor as coisas que aconteceram, porque por mais que tenha sido pequeno, por mais que tenha sido pouca gente, eu acho que todos ali se ajudavam, sabe fia, a gente contava muito com o apoio um do outro para que a gente conseguisse seguir. Alguns não entendiam muito isso, mas no momento que a gente se juntava pra que a gente pedisse, porque a gente sempre pediu, sabe fia. Na mata é muito diferente daqui. Na mata, tudo o que a gente faz, a gente pede, a gente agradece, a gente pega e devolve, sabe? E por mais que tenha sido povo pequeno, todo mundo fazia isso, todo mundo era grato mesmo que as coisas estivessem tão difíceis. Isso é uma coisa que eu tento trazer até no meu trabalho aqui, pra que as pessoas não fiquem, não se deixem abalar quando as coisas não acontecem da forma que tem que ser porque uma coisa que eu entendo também é que se não tivesse acontecido nada disso, talvez eu nem estivesse trabalhando aqui. Porque a gente precisa trazer um pouco desse ensinamento, sabe?

Tem coisas que a gente vivia aqui, que não é necessariamente, eu não era chefe, mas eu sou caboclo. A gente assume esse papel, mas não necessariamente foi exatamente o que eu fiz aqui. É um pouco do papel que eu vivi, é um pouco do orixá que estava na mata e de outros também porque tem muita coisa que a gente, muitas coisas que a gente cultua que não é necessariamente isso aqui, a gente não chamava de Oxalá, a gente chamava de outra coisa. Uma coisa era certa, a gente sempre cultuava a natureza. Então tinha gente que era mais ligada com algumas coisas da natureza. Tinha gente que era muito mais ligada com a água, que a gente tanto procurava. Tinha uns que não conseguiam seguir por isso, porque era muito conectada com isso e não conseguiam ficar sem. Essas pessoas que podem ter vindo trabalhar depois, elas acabaram se conectando com uma linha que fosse mais ligada com a água. Eu sou um pouco mais ligado a mata mesmo e com o ar. Então acaba que é uma coisa que depois você se conecta, não necessariamente que tenha vivido com a gente. E outros que eu não sei como é que seguiram na vida, na vida que eu digo a vida de cá, não a vida, que a vida daqui acaba pra todo mundo.

Que mais fia que eu posso ajudar? Ninguém pergunta da minha história, primeira vez que alguém perguntou da minha história. Tive que voltar num tempo que..., sabe? A gente aqui só escuta, é até



difícil quando a gente tem que falar da gente porque é outra história, é outra vida, não é igual a aqui. É como se fosse um outro mundo até. As coisas eram muito diferentes, muito diferentes. Tem problemas que tem hoje aqui que a gente não passava por isso, mas eu acho que o ensinamento das coisas, a força que a gente foi ganhando dependendo das situações que faz com que a gente consiga até hoje trazer um pouco desse axé.

Agradeço muito fia, por você ter escutado e também acho que depois de conversar com um monte, às vezes uma história também se conecta com outra, você vai encontrar uma que se encontre com outra. Mas tenho certeza que todo mundo que tá aqui tenha passado por momentos de luta.

Afroindígenas em luta pelas terras

Com as vozes dos caboclos Pena Branca e Sete Flechas somadas às vozes dos caboclos contemporâneos busco narrativas que rompem com o discurso colonial moderno – que nos foi imposto há mais de 500 anos – para fortalecer a política da ancestralidade capaz de romper com o desencanto do mundo. Trazer essas vozes para o campo acadêmico é se comprometer com a pluralidade da vida, de saberes e práticas contra a política colonial do desencanto e sua lógica de terror. Para superar o discurso do progresso e do desenvolvimento precisamos chamar todas as gentes massacradas pelo projeto colonial de aniquilação, como observam Simas e Rufino (2019).

As escutas-escritas apresentadas dessas entidades manifestadas em um terreiro de umbanda buscam preservar mundos e seus modos. Os pensamentos desses caboclos resultam da relação afroindígena que tem “alto potencial de desestabilização do nosso pensamento” (Goldman, 2015, p. 641). Como praticante da cultura de terreiro e pesquisadora do campo do Design e Antropologia, transformei essas escutas em escritas para guardar e resguardar mundos sobre “os impasses do nosso tempo – o Antropoceno –, cruciais para o inadiável reenvolvimento com a terra e cuidado da Terra”, conforme apontam Carnevalli et al. (2023, p. 353).

Vivemos um colapso socioambiental que nos coloca diante da iminência de um fim de mundo para a espécie humana. As transformações causadas pelo impacto do modo de vida do ser humano moderno no planeta marcam o Antropoceno e nos mostram que para permanecer, precisamos mudar. Caboclo Pena Branca nos fala que precisamos perceber o passado para seguir em frente, Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro afirmam que o passado ainda está por vir, Ailton



Krenak diz que o futuro é ancestral e que não teremos futuro sem o resgate das cosmovisões sustentáveis do passado. Pensadores contemporâneos e ancestrais nos mostram que o tempo não é linear e nos alertam para a necessidade de olharmos para outros modos de existência, suas práticas e pensamentos.

O Novo Regime Climático ameaça a permanência da vida humana fazendo do planeta um mundo-sem-nós, conforme indicam a filósofa Débora Danowski e o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2017). Ao discorrerem sobre as causas (antrópicas) e as consequências (catastróficas) da ‘crise’ planetária que vem se desdobrando em escala mundial e em velocidade acelerada, os autores sinalizam que “embora tenha começado conosco, muito provavelmente terminará sem nós. [...] Nosso presente é o Antropoceno, mas este tempo presente vai se revelando um presente sem porvir” (p.20).

O Antropoceno nos coloca perante a ausência de futuro. Diante do colapso e da imanência do fim, se não sabemos para onde ir, façamos o que nos ensina o provérbio africano: “quando não souberes para onde ir, olha para trás e saiba pelo menos de onde vens”. É nesse sentido que transformo essas escutas em escritas a fim de ampliar o acesso a vozes e narrativas que foram apagadas pelo projeto colonial e, assim, propor uma abertura de mundos e de outras epistemologias.

As religiões de matriz africana incorporam elementos das cosmologias e práticas indígenas com práticas e concepções trazidas pelos africanos escravizados. Elas são resultados da relação afroindígena, ou seja, dos agenciamentos entre afrodescendentes e indígenas (Goldman, 2015).

Em face a essa experiência mortal, articularam-se agenciamentos que combinaram, por um lado, dimensões de diferentes pensamentos de origem africana com aspectos dos imaginários religiosos cristãos e do pensamento ameríndio e, por outro, formas de organização social tomadas inviáveis pela escravização com todas aquelas que puderam ser utilizadas, dando origem a novas formas cognitivas, perceptivas, afetivas e organizacionais. (Goldman, 2015, p. 643).

O encontro entre africanos e indígenas foi registrado “a partir de um ponto de vista que subordinava a *relação afroindígena* a um terceiro elemento que estruturava o campo de investigação na mesma medida em que dominava o campo sociopolítico: o ‘branco europeu’”, o



que Goldman (2015) denominou como o mito das três raças. Ao apresentar a fala dos caboclos em sua forma original busco romper com a centralidade do pensamento do branco europeu fazendo com que essas vozes ocupem outros espaços para além do território do terreiro.

Dados apresentados por Bernardino-Costa; Maldonato-Torres; Grosfoguel (2023) indicam que nas 36.000 viagens negreiras embarcaram à força mais de 10 milhões de africanos – mais exatamente 12,5 milhões – entre os séculos XVI e XIX. A chegada de navios negreiros ao Brasil, país das Américas que mais recebeu africanos na maior história de sequestro da humanidade (cerca de 4 milhões de pessoas), promoveu o encontro entre cosmologias dos povos africanos com cosmologias dos povos indígenas, havendo uma grande confluência nos modos e nos pensamentos.

Arrancados violentamente de suas terras, desapropriados de seus territórios no maior processo de desterritorialização e reterritorialização da história da humanidade, os povos da diáspora africana não tiveram arrancados de si seus modos de viver e de pensar, mantidos através da cosmologia daqueles que permaneceram em África. Esse encontro entre distantes, entre africanos nas Américas e africanos em África, é o que Bispo dos Santos (2023) chama de transfluência. O termo foi criado a partir da observação do movimento das águas no céu para entender como um rio no Brasil conflui com um rio que está na África. “E percebi que ele faz isso pela chuva, pelas nuvens. Pelos rios do céu. Então, se é possível que as águas doces que estão no Brasil cheguem à África pelo céu, também pelo céu a sabedoria do nosso povo pode chegar até nós no Brasil.” (p. 13).

A cultura é colonial na medida em que aqueles que agem e vivem de maneira diferente do colonizador são considerados sem cultura ou selvagens, afirma Bispo dos Santos (2023). Povos indígenas, de terreiro, de quilombo, de favela possuem modos – “modos de ver, de sentir, de fazer as coisas, modos de vida” (p. 23). Afirma ainda que toda política é um instrumento colonialista e que “só os humanos têm essa estrutura em que um vive para gerir a vida do outro verticalmente, para defender o direito dos outros. Entre as outras vidas, cada um se defende de forma segmentada para defender o território de forma integrada” (p. 47).

Caboclos e indígenas estão unidos na luta pela terra em seus territórios de resistência contra a lógica do progresso e do extrativismo. A resistência não é entendida apenas como oposição a uma força, ela é força de oposição, “ou seja, potência de construção imediata de outros mundos, em e



contra esse mundo” (Niamanouch, 2023, p. 120). Os territórios de resistência e suas práticas podem ser entendidos como levantes contra a violência antropocêntrica e a destruição vivenciadas por esses povos até os dias de hoje. Danowski (2023) afirma que

embora tentem nos fazer desacreditar, muitas terras, muitos mundos nunca pararam de se levantar. Ora, toda terra tem um povo, e todo povo, inclusive um povo nômade, precisa de uma terra, o que é muito diferente de precisar ser seu dono, cercá-la e tê-la como único proprietário. A própria terra, afinal, o solo, é feita de uma multiplicidade de povos: insetos, fungos, bactérias, vírus, plantas; aves, mamíferos, e também de humanos. Há almas em todo canto, e por isso levante se diz no plural: levantes. A terra preta dos índios é em si mesma um levante, ou muitos levantes. As sementes crioulas são levantes. As baixas tecnologias são levantes. Hoje mesmo, portanto, neste exato momento, velhos e novos povos se levantam, em muitos lugares, movidos por diferentes premências.

Daniel Munduruku lembra que somente a partir da nova Constituição Federal de 1988 com o capítulo intitulado “Dos índios”, os direitos indígenas passam a ser assegurados preservando suas práticas, tradições e saberes ancestrais. Aparentemente uma grande conquista e vitória dos povos indígenas para a preservação dos modos originários, mas como observa Munduruku (2022), “as políticas públicas engendradas para os irmãos originários não são propostas para a manutenção da cultura tradicional, mas, quase sempre, são uma forma de submeter essas mesmas populações ao arbítrio da sociedade” (p.33). Vimos como a pandemia da Covid-19, as ações do garimpo ilegal, o agronegócio e a tese do Marco Temporal continuam a ameaçar, aniquilar e exterminar vidas.

Sou cabocla. Caboclos são entidades de religiões de matriz africana que se apresentam como indígenas. Caboclos são também todos aqueles que dobram a morte através do encanto destruindo os parâmetros do mundo moderno colonial desencantado (Simas e Rufino, 2019).

Sou indígena. Indígenas são todos aqueles povos originários de um determinado lugar ou que vivem ali ou que são ligados por algum laço, mas que acima de tudo se sentem uma propriedade da terra ao invés de proprietários dela (Viveiros de Castro, 2013). Indígenas são também todos aqueles que não aderiram ao discurso falacioso do desenvolvimento. “Dar-se conta de que somos todos indígenas — exceto aqueles que não o são — é juntar-se à luta por uma retomada da Terra pela terra, parcela por parcela, lugar por lugar, zona por zona”.



Resgatar nossa ancestralidade e outras narrativas colabora com sonhos que vão além de nós mesmos e “nos ajuda a perceber que viver diferente é possível, que pensar diferente é possível, abrindo campo a maneiras que talvez nos ajudem a sair da encruzilhada em que nos metemos como humanidade” (p. 53), afirma Helena Silvestre (2021). O céu está caindo. É urgente criar alianças com todos os caboclos, Iracema, Jurema, Iara, Juçara, Jupira, Jandira, os tupinambás, os aimorés e todos os seres da terra para indigenizar e terreirizar o pensamento deslocando a narrativa colonial do desenvolvimento em direção às narrativas de resistência e sobrevivência.

Agradecimentos

A todos os seres encantados que me acompanham e ao terreiro Ègbé de Oxalá. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Bibliografia

BISPO DOS SANTOS, Antônio. Somos da terra. *In*: CARNEVALLI, Felipe; REGALDO, Fernanda; LOBATO, Paula; MARQUEZ, Renata; CANÇADO, Wellington. **Terra**: antologia afro-indígena. São Paulo/Belo Horizonte: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

CARNEVALLI, Felipe; REGALDO, Fernanda; LOBATO, Paula; MARQUEZ, Renata; CANÇADO, Wellington. Escutas-escritas (e vice-versa). *In*: **Terra**: antologia afro-indígena. São Paulo/Belo Horizonte: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

DANOWSKI, Déborah. **Levante de que terra?**. Disponível em: <https://medium.com/n-1-edi%C3%A7%C3%B5es/levante-de-que-terra-d%C3%A9borah-danowski-82e1a1a52f02>. Acesso em 12 dez 2023.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **O passado ainda está por vir**. São Paulo: n-1 edições, 2023.



GOLDMAN, Marcio. Quinhentos anos de contato: por uma teoria etnográfica da (contra)mestiçagem. *Mana*, 21(3), 641–659. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n3p641>. Acesso em 10 jan 2024.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2022.

MUNDURUKU, Daniel. Literatura indígena, vozes ancestrais em outras plataformas. In: SECCHES, Fabiane. **Depois do fim**: conversas sobre literatura e antropoceno. São Paulo: Editora Instante, 2022.

NIAMANOUCH, Kassim. Resistência. In: Diversos autores. **Não se dissolve um levante**: 40 vozes a favor dos levantes da terra. São Paulo: n-1 edições, 2023.

SILVESTRE, Helena. Alianças antissistema: varrer as ruínas e adiar o fim dos mundos. In: KRENAK, Ailton; SILVESTRE, Helena; SANTOS, Boaventura de Souza. **O sistema e o antissistema**: três ensaios, três mundos no mesmo mundo. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Indígena**. Disponível em <https://medium.com/n-1-edi%C3%A7%C3%B5es/ind%C3%ADgena-eduardo-viveiros-de-castro-6f2cddcd7826>. Acesso em 12 dez 2023.

Recebido em: 01/03/2024

Aceito em: 01/06/2024

[1] Pesquisadora do Programa Nacional de Pós-Doutorado da CAPES na Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado Rio de Janeiro (Esdi/UERJ) vinculada ao Laboratório de Design e Antropologia (LaDA). Email: carolinanoury@gmail.com